



FERNANDA CRAVIDÃO
LÚCIO CUNHA
PAULA SANTANA
NORBERTO SANTOS
(ORG.)

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

ESPAÇOS E TEMPOS EM GEOGRAFIA

HOMENAGEM A
ANTÓNIO GAMA

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

**FOSSO DO MÉDIO ZÊZERE.
UM LIVRO ABERTO DE GEOMORFOLOGIA**

Luciano Lourenço/luciano@uc.pt

Departamento de Geografia e Turismo e CEGOT.
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Introdução

Depois de alguma hesitação sobre o tema que deveria apresentar neste livro dedicado ao colega António Gama Mendes, entendi que não poderia ser outro que não o vale do Zêzere, dado que não só o homenageado dele era natural, mas também porque dediquei algum do meu tempo ao estudo da geomorfologia desse vale, já lá vão alguns anos (Lourenço, 1996), e não quis perder esta oportunidade para retomar o assunto, centrando-me numa área geográfica que era particularmente querida ao António Gama.

Como seu aluno em três unidades curriculares de Geografia Humana, recordo as suas magistrais aulas teóricas, que a todos marcavam de forma indelével, mas guardo particular memória do seu gosto pela Geografia Física e, em especial, de uma viagem de estudo, já não recordo qual o contexto nem a unidade curricular em que ela se realizou, apenas retenho na memória que o Gama Mendes nela participou e, eis senão quando, no alto da serra do Açor, tendo-se parado o Velho Land Rover para observação de uma plantação de vidoeiros (*Betula alba*), ele se concentra numa pequena barreira da berma da estrada e no depósito que nela era visível, o qual servia de substrato a essa plantação, e nos questiona

sobre uma matéria de que ainda nem sequer tínhamos ouvido falar, os depósitos periglaciares, e aproveitando o ensejo, nos brindou com uma excelente dissertação sobre a formação e as características desse tipo de depósitos.

Apesar do tempo que transcorreu desde então, fazendo contas verifico que tal sucedeu haverá uns quarenta anos, mas recorro como se fosse hoje, a sua posição na barreira e a sua postura durante a explicação, algo que me fascinou e não esquecerei, dada a vivacidade e clareza dessa intervenção, bem como a surpresa que me causou o seu aprofundado domínio deste tema da geografia física, dado que ele era nosso professor da área da geografia humana, embora mais tarde tivesse comprovado que, afinal, este era, apenas, um dos muitos temas que dominava na geografia física.

Porque o vale do Zêzere permite retomar essa problemática e tratar não só uma área que dizia muito ao António Gama, com quem aliás troquei muita informação sobre ela, mas também porque possibilita fazer um referência aos depósitos periglaciares que me foram dados a conhecer, em primeira mão, pelo Gama Mendes, não encontrei melhor forma de o homenagear que não fosse centrar-me na área que o viu nascer.

Objetivos e metodologia

O objetivo deste texto visa apresentar, de forma condensada, alguns aspetos que se prendem com a caracterização geomorfológica daquilo a que Orlando Ribeiro (1949) chamou o “fosso do médio Zêzere”, o que denota bem a importância da tectónica na delimitação desse fosso, estando essa movimentação tectónica muito bem testemunhada nas cristas quartzíticas que o atravessam, conforme procuraremos demonstrar.

Um segundo objetivo está relacionado com a formação dos célebres meandros do Zêzere, uns claramente adaptados à estrutura e à fraturação, enquanto outros parecem intimamente ligados a dificuldades na travessia das cristas.

O terceiro e último dos objetivos passa pela apresentação dos principais tipos de depósitos de vertente que se encontram no médio Zêzere, com descrição das

suas principais características e identificação das condições climáticas subjacentes à respetiva formação, bem como do seu posicionamento relativo.

No que concerne à metodologia, privilegiou-se o trabalho de campo a que se seguiu intenso trabalho de gabinete, para tratamento cartográfico e laboratorial, como se descreveu pormenorizadamente na obra anteriormente citada (Lourenço, 1996).

A área que pretendemos aqui destacar, situa-se dentro daquela que constitui o fosso do médio Zêzere (Figura 1), corresponde sensivelmente aos seus 2/3 iniciais, aqueles onde o Zêzere deixa a Cova da Beira para se encaixar por entre formações metassedimentares e que, genericamente, está compreendida entre a confluência da Ribeira do Paúl, embora só se acentue após a confluência da ribeira do Porsim, e o plutonito de Pedrógão Grande, situado a jusante, a partir do qual as características do vale se modificam.

A tectónica como condicionante das formas de relevo

O fosso do médio Zêzere aparece muito bem delimitado a Noroeste, onde é possível seguir, em praticamente toda a sua extensão, a falha de Cebola, pela primeira vez mencionada por Décio Thadeu (1949) e que separa, de forma muito clara (Fotografia 1), este fosso das designadas serras setentrionais.

Por sua vez, a Sueste, nem sempre é fácil identificar no campo, com a mesma clareza, as marcas da tectónica, em especial a Norte da serra de Alvelos, onde por vezes é difícil seguir a falha do Bravo, que é interrompida pela falha da Abitureira, a montante da qual o vale alarga, retomando a direção geral na falha de Bogas.

A quebrar a monotonia das formas arredondadas dos xistos desenvolvem-se duas cristas quartzíticas, transversais ao traçado do vale, que, comportando-se como soleiras de rocha dura, permitem testemunhar uma série de pequenas movimentações no interior do fosso, paralelas a estes dois grande acidentes que o marginam.